

Doi: <https://doi.org/10.17058/rzm.v14i01.20587>

Ecocrítica e Intermidialidade: apresentação



Cristine Fickelscherer de Mattos¹

Maria Cristina Cardoso Ribas²

*Céu azul /
Que venha até / Onde os pés / Tocam na terra
E a terra inspira / E exala seus azuis [...] /
Finda por ferir com a mão / Essa delicadeza /
A coisa mais querida /
A glória da vida.
Caetano Veloso*

Esta edição da revista *Rizoma* reúne trabalhos que, partindo da constatação da ineludível crise climática que vivemos, examinam como, por meio de diferentes mídias ou por meio do diálogo entre mídias em geral, muitas obras tematizam e leem o posicionamento humano frente ao mundo natural³, ao mesmo tempo em que, tentando deslizar da postura autocentrada, indagam a respeito da presença e do significado deste mundo natural (ecossistemas e biomas; flora e fauna) na constituição dos textos literários e demais configurações midiáticas.

A abordagem crítico-analítica às questões ambientais, que vem sendo definida como Ecocrítica, não é uma ideia nova nem pode ser reduzida a modismo acadêmico, especialmente nos contextos em que a propalada interação ser humano e meio ambiente está alicerçada em

¹ Professora da Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

² Professora da Pós-graduação em Letras e Linguística e da Graduação em Letras; coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FAPERJ/CNPq).

³ A expressão “mundo natural” formulou-se ao longo do extenso caminho de questionamentos sobre a ideia de natureza que, por vezes, inclui ou não a figura humana e que, à miúdo, como aqui empregado, se define por oposição a ela (Mattos, 2023).

projetos históricos e sistemas de poder. O debate é premente pois, embora os efeitos das mudanças climáticas se façam sentir em nível planetário, um dos maiores obstáculos à tomada de ações concretas circunscreve-se à incapacidade de as pessoas se implicarem no processo e perceberem como essas mudanças afetam e podem afetar ainda mais suas vidas cotidianas. Neste sentido, os trabalhos que integram o dossiê mostram, entre outras tantas aportes, o quão importante é investigar certas configurações midiáticas e/ou intermediárias, capazes de provocar abalos nesta espécie de cegueira autocentrada, transformando medos e ameaças em alertas, trazendo o invisibilizado ao proscênio, desmascarando, desconstruindo e/ou simplesmente trazendo à consciência dos consumidores de mídias diversas vinculações entre causas e efeitos de difícil percepção.

Em termos teóricos, este dossiê articula duas áreas de estudos recentes, nascidas e difundidas concomitantemente - a Ecocrítica (GARRARD, 2006) e a Intermedialidade (CLÜVER, 2011), reunidas pioneiramente por Jørgen Bruhn (2020) como Ecocrítica Intermediária. O constante trânsito de conteúdos de uma mídia a outra, bem como a prática frequente de releituras de literatura e(m) adaptações intermediárias têm favorecido o olhar crítico sobre estabelecidas concepções de como o ser humano se posiciona frente à crise ambiental.

Como o afirmam Bruhn e Salmose (2024), a maioria das pessoas não tem acesso às fontes científicas que hoje já dispõem de dados objetivos constatando uma situação de inegável emergência climática. Por isso, é preciso atentar para como, em diferentes tipos de mídia, a questão ambiental vem sendo tratada através de obras que procuram traduzir os dados científicos para a compreensão pública, sem a qual, ações transformadoras em grande escala são inviáveis.

Atônitos diante da (nem sempre) visível degradação ambiental, partícipes conscientes ou inconscientes dessa degradação, com posicionamentos que vão desde a credulidade ingênua, passando pela ignorância, até a resiliência com atuação efetiva, caminhamos hoje mundo afora. Coube-nos viver num tempo em que a ação humana estendeu seus efeitos ao nível geológico, como apontaram, dentre outros pesquisadores, Paul J. Crutzen e Eugene F. Stoermer (2000) que, em função disso, designaram pelo termo “antropoceno” a era em que o ser humano (do grego *antropos*) se sobrepôs ao planeta terra.

Há um desejo geral de mudança no ar, mas ainda forjado individual e passivamente. Nesse contexto difuso, urge sair do centro e pensar, para além de nós e das gerações que virão, na vida e na natureza em geral, da qual fazemos parte e da qual dependemos para existir, mesmo

quando nos esquecemos disso. É importante ao menos ser capaz de imaginar, se não for possível ainda realizar, uma visão de mundo e um modelo de sociedade de biomas protegidos e restaurados, preparados para fazer frente às as mudanças climáticas, reduzir disparidades sociais e implementar inovações, com alternativas criativas e interdisciplinares voltadas ao bem-estar das pessoas e à sustentabilidade - acima do lucro e do crescimento monetário que promovem crimes ambientais. E mais: sempre buscando que as reflexões e proposições para o futuro, num procedimento ético, inclusivo, aberto, aliem-se às tradições da ancestralidade e às urgentes demandas das populações e comunidades locais.

Não se trata de alarmismo ou conveniente ode à fatalidade, mas de reconhecimento das evidências aportadas por tragédias ocorridas e por ocorrer, ligadas a desequilíbrios ambientais. Em nosso país, a maioria dos biomas – Amazônia, Cerrado, Pantanal e Caatinga – estão muito próximos do “ponto de não retorno”, também conhecido como ponto de inflexão, em que ecossistemas terrestres passam a uma condição de degradação irreversível. Quando ocorre a desregulação, o sistema se reorganiza em nova forma, potencialmente desencadeando um efeito dominó muitas vezes imprevisível e incontrolável. Ao mesmo tempo, a incessante exposição a condições estressantes da própria natureza – chuvas torrenciais, temperaturas extremas, escassez de nutrientes no solo - a que são submetidos os ecossistemas, ajudam a moldar a sua própria resiliência. Contudo, quando o estresse aumenta drasticamente sobre um ecossistema, ele pode resistir e se adaptar, preservando, intactas, suas funções e características, somente até um certo limite. Círculos viciosos e virtuosos são manifestações dos ecossistemas que precisam ser ouvidas e, junto a medidas de ordem econômica, social e histórica, precisam ser fortemente consideradas para evitar um colapso climático irreversível. É importante também compreender se um ecossistema que parece saudável está com seu mecanismo de auto-organização em desequilíbrio, perdendo sua resiliência de forma silenciosa, fenômeno identificado como desaceleração crítica.

No Brasil e, mais especificamente na Amazônia, a possibilidade de se atingir o ponto de não retorno – e/ou desaceleração crítica - é uma preocupação em todo o mundo, pelo impacto global que isso teria em termos ambientais, culturais e econômicos. A floresta, com 60% de sua área em terras brasileiras, abriga mais de 10% da biodiversidade terrestre do planeta e armazena uma quantidade de carbono equivalente a 15-20 anos de emissões globais de CO². Sua cobertura

tem um efeito de resfriamento líquido (pela evapotranspiração) que colabora na estabilização do clima do planeta⁴.

Em dezembro de 2023, durante a COP28 em Dubai, foi lançado pelo Brasil o desafiador projeto Arco da Restauração, voltado a restaurar 24 milhões de hectares de áreas desmatadas e degradadas da Amazônia brasileira, sendo 6 milhões até 2030 e outros 18 milhões até 2050. Durante a presidência do Brasil no G20 (dez.2023 a nov.2024) houve empenho para manter o foco em ações que, até 2030, reduzam emissões e promovam a sustentabilidade, protegendo a biodiversidade e estimulando o que se identifica como uma economia verde. A 19ª reunião do G20, em 2024, ocorreu no Rio de Janeiro e deu continuidade aos esforços brasileiros para, diante das mudanças climáticas e das suas drásticas consequências, filiar-se aos países que buscam soluções e subsídios para operacionalizar projetos de preservação e redução de emissões de carbono.

Com este panorama cada vez mais nítido, considerando que os impactos na Amazônia envolveriam a perda, possivelmente irreversível, da biodiversidade e decorrentes valores culturais e econômicos, incluindo cerca de 2,2 milhões de povos indígenas de mais de 300 etnias, o alerta é vital: toda esta população, em torno de 40 milhões de pessoas – povos indígenas e comunidades locais –, seriam ainda mais prejudicados do que já o são atualmente pela perda florestal que atinge frontalmente seus meios de subsistência e suas tradições ancestrais, formas culturais e sistemas de conhecimento cuja riqueza nos falta entender, especialmente no que tange ao convívio não exploratório com a natureza.

Com esta perspectiva, é possível compreender como a Ecologia propiciou, nos Estudos Literários, o nascimento e a formulação da Ecocrítica⁵, voltada para a análise de textos circunscritos ao debate. De maneira interdisciplinar e com base holística, comporta uma concepção ecológica orgânica em que todos os viventes se retroalimentam de modo solidário e, qualquer alteração particular ou eventual afeta o todo. Trata-se, portanto, de um conjunto

⁴ Segundo artigo sobre sociobioeconomia publicado na FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura) pelos pesquisadores Carlos Nobre e Diego Oliveira Brandão em 26/06/2025. Disponível em: <https://www.fao.org/science-technology-and-innovation/blog/detail/sample-blog/2025/06/26/innovation-driven-by-needs--visions-of-the-amazon-socio-bioeconomy/en>. Acesso em: 03 de agosto 2025.

⁵ Recomenda-se a leitura dos artigos do dossiê “Literatura, Artes e mídias: Ecocrítica intermediária”, da *Revista Aletria*, v. 33 n. 2 (2023). Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/issue/view/2460>. Acesso em: 03 de agosto 2025.

orgânico regido por interconexões entre todos os vivos, animais humanos e não humanos, vegetais e respectivos ambientes.

Os estudos sobre Intermidialidade, nascidos igualmente no âmbito literário, apontaram para as relações e os trânsitos da literatura com as mais diversas mídias e estabeleceram uma ponte com os estudos das artes e da comunicação. Unidos pela necessidade de mediação, todas as criações constituem-se em “produtos de mídia” (Elleström, 2017) a comunicar suas mensagens. A base midiática comum, a exemplo da natureza interconectada, pode nos articular em termos ecocríticos. As criações que fazem uso de mídias complexas para comunicarem ou, como o conceituou Elleström (2017), usam “mídias qualificadas” (devido à bagagem histórica e a padrões estéticos e comunicacionais próprios) são frequentemente consideradas artísticas. O autor de uma obra de uma mídia qualificada – criador, às vezes, considerado artista – seja pela percepção aguçada, pela intuição, pela inspiração ou, como o afirmou Jung (2013, p. 104), por ser um “homem coletivo, portador e plasmador da alma inconsciente e ativa da humanidade”, pode ir além da visão alarmista ou das soluções que a ciência pode proporcionar.

O diálogo entre criações de diferentes mídias sobre questões ambientais pode abrir espaço para que possamos captar, imaginar e formular novas maneiras de conceber a presença humana na terra, outras perspectivas sobre o mundo natural, outras cosmogonias, outras trocas, outra comunicação, outros modelos de sociedade.

O dossiê aqui compartilhado reúne, portanto, uma série de estudos acadêmicos que exploram a temática da ecocrítica, da midialidade e da intermidialidade, investigando como diferentes mídias – da poesia ao cinema, passando pelo documentário e pela literatura – representam a relação entre o humano e o não-humano ou mais-que-humano. Observemos como esta aliança que move a Ecocrítica Intermidiática convoca para a mesma conversa o estudo seminal de Clüver (2011), as modalidades das mídias do Elleström (2021), a abordagem pioneira de Bruhn (2020), a sensibilidade intelectual de Aílton Krenak (2020), bem como todos os autores analisados pelas pesquisas deste dossiê: a escritora indiana Nidhi Zak/Aria Eipe, escritor estadunidense Richard Powers, os diretores Edivan Guajajara, Chelsea Greene e Rob Grobman (com os produtores Oscar Fisher Stevens e Leonardo DiCaprio), o cineasta grego Yorgos Lanthimos, o roteirista Travis Beacham e diretor Peter Horton (adaptando um conto do escritor estadunidense Philip K. Dick), o diretor Hiromasa Yonebayashi e os roteiristas Hayao Miyazaki e Keiko Niwa (adaptando o romance da escritora britânica Mary Norton).

Abordagens de todo tipo, como fabulações, documentações, estetizações, teorizações, análises e explicações em geral – como esta apresentação sobre este dossiê – que motivem a

criação de “produtos de mídia” tematizando as relações entre os seres vivos e seu ambiente, incluindo as interações entre si no contexto da emergência climática, devem e precisam ser estimuladas, valorizadas e divulgadas. Nada mais “natural” que as Humanidades se ocupem das relações físicas e simbólicas do ser humano, enquanto ser vivo, com os seres não-humanos ou mais-que-humanos e com seu entorno. A redundância é só aparente: às Humanidades cabe estudar o humano, inclusive quando ele precisa desumanizar o olhar para retirar-se do centro. Os trabalhos deste dossiê dão importante contribuição neste sentido.

No primeiro artigo – “Encantamento e ética poética no Antropoceno: a ecopoesia de Nidhi Zak/Aria Eipe”, Tatiana Massuno investiga o conceito de encantamento como uma ferramenta ética e estética para a ecopoesia, analisando o poema *Incantation for the Hare*, da escritora indiana Nidhi Zak/Aria Eipe, que define a si mesma como “poeta, pacifista e fabulista” (Zak/Aria Eipe, 2025). A autora trabalha com a ideia de que a poesia – concebida como ecopoesia - pode funcionar como um mediador entre os mundos humano e mais-que-humano. Ao se opor a uma linguagem desencantada e excessivamente baseada em dados, o texto propõe que a experiência estética é crucial para fomentar comportamentos éticos e para reconfigurar a nossa percepção da natureza. A análise se apoia nas proposições teóricas da Ontologia Orientada a Objetos (OOO), desenvolvida por Jane Bennett e Timothy Morton, e destaca a forma como a ecopoesia de Zak/Aria Eipe, por meio da sonoridade e da hibridização de elementos, resgata saberes xamânicos e indígenas para lidar com os desafios impostos pela crise climática que vivemos.

O segundo artigo do nosso dossiê – ““É um mundo de árvores”: uma análise da representação da crise ecológica em *The Overstory*, de Richard Powers” -, de Joicy Silva Ferreira e Thais Flores Nogueira Diniz, analisa a representação dos problemas ambientais no romance *The Overstory*, do escritor estadunidense Richard Powers, cuja temática central remete ao ativismo ambiental voltado especificamente para o desmatamento. Com base na perspectiva da ecocrítica intermediária de Bruhn (2020), o artigo examina como o conhecimento científico sobre as árvores é transposto para a narrativa, principalmente através da personagem Patricia Westerford, uma botânica cujas asserções fictícias se baseiam em dados obtidos por cientistas reais. A pesquisa também discute a forma como o ativismo ambiental, do protesto pacífico ao ecoterrorismo, é retratado no livro. Para Ferreira, o romance busca mostrar a crise ecológica como um "problema ou uma condição" que as ciências naturais sozinhas não conseguem resolver e por isso precisam da atuação conjunta das humanidades, que podem desempenhar junto a elas um papel crucial.

Na sequência, temos o artigo de Caroline Westerkamp Costa – “Ecodocumentário brasileiro e a partilha do sensível nas imagens e sons da floresta” -, que analisa o ecodocumentário brasileiro *We Are Guardians (Somos guardiões, 2023)* juntamente com o perfil que a obra mantém no Instagram. A análise é feita sob a ótica da "partilha do sensível", de Jacques Rancière, explorando como a produção documental e a plataforma digital funcionam de maneira complementar para o objetivo de tornar visíveis e perceptíveis biomas e modos de vida historicamente marginalizados. O artigo utiliza o instrumental teórico da Análise Pragmática da Narrativa para examinar como a obra emprega "efeitos de real" e "efeitos poéticos ou metafóricos" destinados a sensibilizar o público e mobilizá-lo em favor da causa ambiental. Segundo Costa, o ecodocumentário promove "cenas de dissenso" que questionam a "ordem policial" estabelecida, como quando líderes indígenas discursam em eventos internacionais ou usam tecnologia para defender suas terras, subvertendo a imagem do indígena como vítima.

O artigo seguinte, “Animalidade versus humanidade: um estudo ecocrítico sobre o filme *O Lagosta*” - oferece um estudo ecocrítico do filme de Yorgos Lanthimos (2025), analisando como ele aborda a relação entre animalidade e humanidade. O texto destaca que o filme critica a "patologização da solidão" e a violência contra os animais ao retratar uma sociedade distópica em que a solteirice é punida com a transformação em animal. Por meio de uma análise da personagem de David, o estudo explora a metáfora da transformação como uma forma de resistência à conformidade social e à hierarquia especista. A análise também observa elementos da cinematografia, como a paleta de cores e a trilha sonora, que reforçam a atmosfera opressiva da narrativa, e discute como a escolha de David de se tornar uma lagosta subverte a ideia de superioridade humana.

“Natureza Programada: a intermedialidade entre o episódio 'Autofac' e o conto homônimo de Philip K. Dick” é o próximo artigo que investiga a adaptação intermediática do conto "Autofab" (1955), de Philip K. Dick, para o episódio "Autofac" (2018) da série televisiva *Electric Dreams*, com foco na deturpação da natureza humana e ambiental. O estudo compara as duas obras para mostrar como o gênero distopia se adaptou aos anseios sociais, passando de uma crítica à automação e à industrialização do século XX para uma reflexão acerca da inteligência artificial e da perda da identidade humana no século XXI. A análise se aprofunda na representação da degradação ambiental, utilizando a psicologia das cores para demonstrar como a obra audiovisual emprega tonalidades frias e acinzentadas para simbolizar a artificialidade e o colapso pós-apocalíptico.

O trabalho posterior – “Representações da Natureza nas obras *Os Pequeninos Borrowers* (1952) de Mary Norton e *O Mundo dos Pequeninos* (2010) do estúdio Ghibli” - analisa o romance *Os Pequeninos Borrowers* (1952), de Mary Norton, e sua adaptação como animação cinematográfica, *O Mundo dos Pequeninos* (2010), do Studio Ghibli, com foco na representação da natureza. O texto utiliza a intermedialidade para explorar como as especificidades de cada uma das mídias moldam a percepção da natureza para a protagonista, Arriety. No livro, a natureza é um símbolo de liberdade para a protagonista confinada, enquanto na animação, ela é uma extensão de sua casa e parte integral de sua identidade, refletindo a filosofia xintoísta do estúdio que prega a harmonia entre os humanos e o mundo natural. O artigo também discute as técnicas artísticas de animação empregadas, como as “pinceladas” que remetem ao impressionismo, que ressignificam a forma como a natureza é percebida pelo espectador.

O dossiê se encerra em chave de ouro verde com a resenha “O rio como Futuro Ancestral, de Ailton Krenak: ri(t)o arcaico e fundador do mundo”, de Rodrigo Felipe Veloso, que discute o livro *Futuro Ancestral*, do intelectual indígena brasileiro Ailton Krenak, escritor, ambientalista, filósofo e ativista. Explorando sua visão de mundo, que integra a humanidade à natureza, o texto se concentra na figura do rio, apresentado como um “símbolo arcaico e fundador do mundo”, elemento do meio ambiente que transcende sua materialidade para alcançar a espiritualidade, a memória coletiva e a sustentabilidade. Segundo a análise, Krenak associa o rio à ideia de um “fluxo contínuo, tanto físico quanto existencial”, conectando o passado, o presente e o futuro. O autor critica a “abordagem utilitarista” moderna que reduz o rio a um recurso econômico e propõe uma nova forma de convivência baseada no respeito e na reciprocidade. A resenha conclui que a obra de Krenak é um “chamado para que a humanidade se reconecte com seus valores ancestrais” e um convite para repensar a sua relação com o mundo natural.

Referências

BRUHN, J. Intermedial Ecocriticism. Mediating the Anthropocene across Media Borders. *Ekphrasis*, v. 24, p. 5-18, 2020.

BRUHN, Jørgen; NIKLAS, Salmose. *Intermedial ecocriticism: The Climate Crisis Through Art and Media*. Lanham: Lexington, 2024.

CRUTZEN, Paul; STOERMER, Eugene. The anthropocene. *Global Change Newsletter*, no 41, p. 17–18, 2000.

ELLESTRÖM, L. *Midialidade: ensaios sobre comunicação, semiótica e intermedialidade*. Ana Cláudia Munari Domingos, Ana Paula Klauck, Glória Maria Guiné de Melo (org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

CLÜVER, Claus. Intermedialidade. *Pós: revista do programa de pós-graduação em artes da UFMG*, Belo Horizonte, v 1, no 2, p. 8-23, nov 2011.

JUNG, Carl Gustav. *O espírito na arte e na ciência*. Tradução de Maria de Moraes Barros. Petrópolis: Vozes, 2013.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MATTOS, Cristine Fickelscherer de. Filme-teatro, natureza e intermedialidade, *Aletria*, Belo Horizonte, vol. 21, p.110- 134, 2023.